

João Marcelino

“Tudo o que a geografia esconde, o corpo lembra”

17.04.2025-17.05.2025



João Marcelino, Portugal, 1997

João Marcelino é um fotógrafo freelancer português.

Nasceu a 30 de abril de 1997 numa aldeia do distrito de Lisboa. Desde pequeno sempre foi fascinado pela intemporalidade da fotografia e passava horas a dissecar momentos presos no tempo. Aos catorze anos começou a interessar-se por imagem de cariz autoral, tendo sempre em mente a possibilidade de desenvolver projeto e expor. Hoje, o gosto pela comunicação e pela fotografia são os pilares que sustentam a sua vontade de crescer na área. É licenciado em Ciências da Comunicação, nas vertentes de Jornalismo e Cinema/TV, pela FCSH-UNL, e terminou, em 2020, o Curso Profissional de Fotografia, no Instituto Português de Fotografia.

Atualmente, é formador, consultor na área da fotografia para real estate e fotógrafo freelancer. Em 2024 terminou o mestrado em Gestão Cultural, pela Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, e continua, hoje, a sua investigação na área da fotografia de território.

“Tudo o que a geografia esconde, o corpo lembra”

Há lugares onde o humano se desarticula, onde a paisagem se impõe como medida absoluta e onde o corpo, privado de referências estáveis, oscila entre a permanência e a dissolução. Os territórios limítrofes — margens de rios, extensões de areia, recortes da costa — são espaços de transição e suspensão, zonas onde o tempo abranda e a escala humana se dilui na vastidão natural. É nesses interstícios que parte da minha fotografia se inscreve, interrogando a relação entre presença e ausência, pertença e deslocação. Tudo o que a geografia esconde, o corpo lembra.

À beira-mar, os corpos abandonam a rigidez da vida urbana. Entregam-se à areia, fundem-se com as rochas, diluem-se no horizonte. Mas nem sempre encontram repouso. Habita estas imagens uma estranheza subtil: uma mulher solitária entre as dunas, um homem que parece emergir ou afundar-se na areia, um corpo que se curva às formas da paisagem. Espaços balneares, tradicionalmente associados ao lazer, revelam-se aqui como cenários de inquietação contida. O que proponho não é uma documentação do lugar, mas um olhar sobre como habitamos o espaço — e como, por vezes, ele nos engole.

Ao longo dos anos, tenho explorado esse encontro inquieto entre figura e relevo. Fascina-me a forma como os corpos se adaptam a superfícies incertas, como se deixam modelar pelo vento, pela maré, pela lógica errante da geografia. Mas há também um silêncio denso que permeia estas imagens — uma suspensão, uma leveza interrompida, um repouso que nunca se concretiza por inteiro. O banear adquire aqui outra qualidade: a de um estado latente, simultaneamente contemplativo e estranho.

Para Georges Didi-Huberman, ver é também lidar com o que se oculta, com aquilo que resiste à plena visibilidade. Neste trabalho, as figuras não apenas habitam a paisagem — elas tornam-se sinais do que se recusa à transparência: gestos, corpos, ecos que se entrelaçam entre o visível e o submerso. Entre o corpo e o território, desenha-se uma gramática de gestos suspensos — movimentos que perduram como vestígios, a vibrar na margem do olhar. Entre a imensidão e o detalhe, cada imagem propõe um gesto de escuta — uma pausa que se prolonga, reconhecendo na quietude o eco do oculto e do efêmero.









